

A IMPORTÂNCIA DA MOTIVAÇÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DE 4ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Andréia Cristina Santos Freitas¹

Clícia Lima Santana²

Edcleide da Silva Pereira³

Clébia Rocha Lima⁴

Ana Luiza Vieira Barreto Onnis⁵

andreyafreitas@hotmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão sobre a importância da motivação na sala de aula e como a mesma auxilia no desenrolar do processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Aprendizagem, Conhecimento, Ensino, Motivação.

ABSTRACT

This article presents a reflection about the importance of the motivation in the class room and as the same it aids in uncoiling of the teaching-learning process.

Word keys: Learning, Knowledge, Teaching, Motivation.

1. INTRODUÇÃO

A educação requer ação e como resultado acontece o conhecimento. O educador deve descobrir meios, recursos para fazer com que os educandos desenvolvam o aprendizado, fornecendo estímulos para que os mesmos sintam-se motivados a aprender, isto é, lançar mão de artifícios que os conduzam à motivação que segundo Murray (1986), representaria “um fator interno que dá início, dirige e integra o comportamento de uma pessoa” (p.20). Esta noção é compartilhada também por Garrido (1990), quando diz que a motivação é um processo psicológico, uma força que tem origem no interior do indivíduo e que o empurra, o impulsiona a uma ação. E na opinião de Pfromm (1987), “os motivos ativam e despertam o organismo, dirigem-no para um alvo em particular e mantêm o organismo em ação” (p.112).

O tema motivação e aprendizagem tem sido objeto de investigação dos psicólogos educacionais nos últimos anos e o problema da falta de motivação dos estudantes representa um dos maiores desafios à eficácia do ensino. Alguns determinantes da motivação escolar já são conhecidos e podem auxiliar o trabalho do professor que pretenda ver seus alunos genuinamente envolvidos. Sob essa

¹ Especialista em Psicologia da Educação- FJT e Pós-Graduando em Meio Ambiente e Desenvolvimento-UESB;

² Especialista em Neuropsicologia- IBPEX;

³ Especialista em Neuropsicologia- IBPEX;

⁴ Pedagoga- UNOPAR;

⁵ Bel em Comunicação e Graduando em Letras – UESC.

concepção, se insere a educação escolar, fundamentada em conhecimentos diversos que são adquiridos e passam a ser sistematizados, no intuito de extrapolá-los e ir além do que está definido no presente.

A aprendizagem está ligada a vários fatores que fazem parte de um todo e está envolvida nas condições internas e externas do indivíduo e a motivação pode ser explicada por esses fatores internos (intrínseca é a capacidade de vencer a partir de interesses pessoais, usando as próprias aptidões) como os sentimentos e por fatores externos (extrínseca é baseada numa recompensa) como, por exemplo, a vida social.

É necessário que o aprendizado seja mais significativo, mais prazeroso e o que se ensina tenha algum sentido para o aluno, seja do seu interesse, satisfaça suas curiosidades e que o prepare para enfrentar as diversidades da vida. Qualquer coisa que se faça na vida, é necessário primeiro a vontade de realizá-la, senão nada acontece. Os saberes construídos no processo sócio-educativo inovam e estruturam o desenvolvimento social, econômico, político, cultural de uma comunidade. O ser humano constrói a dinâmica da convivência e evolução social. Segundo Weiss (1991), se as pessoas não se encontram motivadas a fazer algo com que se identifiquem ou a alcançar uma meta, podem ser persuadidas a tomar atitudes que prefeririam não tomar, o que as condicionará a um comportamento indeciso. Há muito tem visto estudos feitos por vários profissionais sobre as dificuldades de aprendizagem e a falta de interesse por parte dos alunos, esta é uma preocupação que vem se estendendo. Alguns estudiosos já chegaram a conclusão que muitas destas dificuldades se dá pela falta de motivação dentro do contexto escolar.

É relevante transcrever que muitos são os fatores que poderiam ser trabalhados na sala de aula, pois os profissionais da área como professores, coordenadores devem ser vislumbrados por novas práticas e conceitos que seguramente conduzirão o processo de desenvolvimento da motivação na aquisição da aprendizagem com menos impactos negativos.

Motivação é o que define o comportamento do indivíduo, levando-o a um alvo que permita prazer em suas buscas, necessidades e dificuldades, segundo o dicionário Aurélio, motivação quer dizer exposição de motivos ou causas. Diante desta definição entende-se que é necessário ter um motivo para alcançar um objetivo, um indivíduo motivado apresenta auto-estima elevada sente-se capaz de mover-se e lutar na busca de sua meta.

O estudo da motivação humana tem sido marcado por diferentes abordagens. No período mecanicista (1930-1960), a questão motivacional dizia respeito ao que moveria indivíduos de um estado de repouso à ação (SISTO, 2001). Já as teorias cognitivas de motivação para realização assumem que o comportamento é determinado por crenças individuais que funcionam como mediadoras do comportamento (Bandura, 1982, 1989).

Para Sisto (2001), a motivação é uma variável-chave para a aprendizagem. Para ele sem motivação não se aprende. Estar preparado para aprender não quer dizer, necessariamente, que isto irá acontecer significativamente, e é fundamental a presença do incentivo no aprendiz.

Ainda segundo Sisto (2001), importantes para a aprendizagem são as metas que os indivíduos perseguem, estudadas pelos psicólogos contemporâneos. Há pelo menos dois tipos de metas: a meta de aprendizagem e a meta de realização/desempenho.

A função da escola não é só passar conteúdos e monitorar conhecimento, mas também, despertar no professor uma educação para pessoas sensíveis,

promovendo um ambiente onde ofereça ao indivíduo condições para aumentar sua perceptividade e compreensão do mundo que o rodeia, no qual possa desenvolver criatividade com tranquilidade e sendo respeitado em suas inúmeras diversidades. E que a sala de aula se transforme em um lugar acolhedor, um espaço de intimidade e interação que seja transformada com a participação e cooperação de todos envolvidos neste contexto. A meta de aprendizagem ou meta relacionada à tarefa caracteriza-se por um desejo do sujeito de incrementar a própria competência e de buscar novos conhecimentos e destrezas.

A motivação deve estar presente em todas as áreas sem ela não ocorre o esforço e na ausência de estratégias de aprendizagem o mesmo cai no vazio e se torna infrutífero não desenvolvendo fatores cognitivos essenciais na educação para a sensibilidade. Um esforço eficaz e relevante para os resultados deve incidir sobre o uso de estratégias adequadas. Distinguem-se três grandes categorias de estratégias de aprendizagem: as cognitivas, as metacognitivas e as de gerenciamento de recursos.

O homem precisa desenvolver conhecimento, capacidades e ações, e o meio para alcançar este desenvolvimento que é a aprendizagem. O processo de ensino-aprendizagem deve ser teórico e prático, pois a teoria e a prática são concebidas como elementos de um único processo que permita ao aluno observar, comparar, operar, experimentar, pesquisar, aplicar e manusear objetos reais, embora se mantenham um equilíbrio dinâmico entre a conceituação teórica e a aplicação prática com o conhecimento.

Há muito tem visto estudos feitos por vários profissionais sobre as dificuldades de aprendizagem e a falta de interesse por parte dos alunos, esta é uma preocupação que vem se estendendo. Por conta destas inquietações decidimos realizar esta pesquisa de caráter científico com o intuito de aprofundar o conhecimento da aprendizagem ligada a motivação no âmbito escolar. Alguns estudiosos já chegaram a conclusão que muitas destas dificuldades se dá pela falta de motivação dentro do contexto escolar.

A motivação é um processo que dirige e integra mantendo o indivíduo em ação. Isto na aprendizagem tende a variar, pois dependerá em que ambiente escolar o aluno está inserido, se este está de acordo com seus processos cognitivos.

É possível que a motivação explique porque alguns estudantes gostam da escola, mostrando atitudes apropriadas, alcançando habilidades e conseguindo desenvolver seu potencial, enquanto outros mostram-se desligados, pouco interessados, muitas vezes indo a escola por obrigação.

Quando o educando se sente motivado, ele entende o porquê do estudar, consegue envolver-se, mantendo um estímulo que o auxilie a não desistir das tarefas desafiadoras e valorize a educação.

1.2 A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Nos últimos tempos, o ensino tem valorizado o conhecimento prévio do aluno e a interação dos fatos do cotidiano e o saber sistematizado, sendo que, a educação transforma a vida das pessoas e desenvolve o lado humano que facilita atingir o sucesso e que pode modificar toda uma sociedade. Essa transformação ocorre através dos saberes construídos no dia-a-dia e que são socializados nos diversos grupos dos quais o homem faz parte ganhando múltiplas dimensões biopsicossociais.

A teoria de Vigotsky sustenta que todo conhecimento é considerado socialmente no âmbito das relações humanas. Essa teoria, tem por base o desenvolvimento do indivíduo como resultado de um processo sócio-histórico, enfatizando o papel da linguagem e da aprendizagem nesse desenvolvimento, sendo isso teoria considerada, histórica-social.

Os professores não conseguem e nem devem separar sua vida profissional da vida afetiva, e isto o ajuda a ter sensibilidade para conhecer os sentimentos das outras pessoas, aprendendo a dar importância a toda bagagem que o aluno traz consigo, entendendo que o mesmo não é um ser pronto e acabado, e que está sempre em constante mudança.

“O professor autoritário, licencioso, competente, sério, incompetente, irresponsável, amoroso da vida e das gentes, o professor mal-educado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca” (FREIRE, 2002, p. 73). O exercício do professor em sala, ao ensinar, lida com universos diferentes e transmite valores, princípios e opiniões. Para Freud (1977), não existe a mínima possibilidade de viver coletivamente sem que cada indivíduo aprenda sentimentos como solidariedade, fraternidade e cooperação. Estes sentimentos são realmente aprendidos, segundo ele, não são próprios do ser humano. Desta maneira, são resultados de aprendizagens e precisam ser ensinados, pela família e pela escola.

Segundo Freire (1996, p. 159), “ensinar é uma forma de intervenção no mundo”. Cabe ao professor-educador intervir nessa educação que está a favor do sistema capitalista, em que o individualismo, a competitividade, o descomprometimento, o descaso com o social e a inversão de valores são gritantes na escola e na sociedade como um todo. O processo de aprendizagem deve contemplar atividades que permitam aos alunos a observar, comparar, operar, experimentar, pesquisar, aplicar e manusear objetos reais, procurando envolvê-los nos trabalhos realizados em sala de aula.

Na visão da pesquisadora italiana Maria Montessori, a tarefa do professor é preparar motivações para atividades culturais, sociais e educativas, em um ambiente previamente organizado, rico em materiais didáticos que favoreçam o processo de aprendizagem por meio da experiência direta, da procura e da descoberta. E ainda segundo Jerome Bruner{1976}, o professor deve sempre estimular os alunos para a descoberta motivando-os sempre a buscarem seus conhecimentos. O fato é que a escola, hoje, não provoca o aluno de modo que ele se sinta motivado a construir novos conhecimentos a partir de desafios e os educadores devem promover a utilização de experiências concretas que levem os alunos ao conhecimento de fatos práticos e não apenas verbais. A experiência física implica o enfrentamento de fatos e objetos da própria comunidade, da escola e da família.

Se o aluno não se interessa pela disciplina seja pela pessoa do professor ou pela exposição das aulas ele sente grande dificuldade em aprender e a mesma o desmotiva. Seu desinteresse e o seu problema em assimilar a matéria, crescem, acabando por se criar um ciclo vicioso envolvendo a desmotivação e o não aprendizado. Os professores se angustiam e não entendem o porquê da falta de aprendizagem dos alunos, sendo cobrados pelos pais e pressionados pelo sistema educacional que só quer resultados, mas não oferece subsídios para alcançá-los ficando sem saber como agir e que métodos devem ser adotados, e como frutos destes problemas surgem a evasão e a repetência.

Os educadores são os principais agentes destes processos, uma vez que sempre tiveram a opção de ser meros transmissores, ou, incentivadores de

descobertas. Ensinar, para Freire, requer aceitar os riscos dos desafios do novo, enquanto inovador, enriquecedor, e rejeitar quaisquer forma de discriminação que separe as pessoas, transmitindo a certeza de que todos fazem parte de um processo incluso. Acima de tudo ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando. Essa escolha define uma filosofia própria, um método, um estilo que reflete a essência motivadora desse professor-educador. Onde os mesmos devem descobrir estratégias, recursos para fazer com que os alunos queiram aprender, em outras palavras, deve fornecer estímulos para que os mesmos se sintam motivados para alcançar seus objetivos.

Segundo Perrenoud (2000), normalmente, define-se o fracasso escolar como a consequência de dificuldades de aprendizagem e como a expressão de uma “falta objetiva” de conhecimentos e de competências. O aluno deve ser estimulado ir além da memorização e da repetição de tarefas, a buscar do prazer nas descobertas, no levantamento de questões e nas práticas experimentais. A importância de conhecer os impulsionadores e os entraves que impedem a motivação do sujeito está em possibilitar oportunidades de auto-conhecimento e estimular o estado motivacional. Obter esse conhecimento enquanto professor-educador é imprescindível, pois consiste na possibilidade de desenvolver o ensino com dinamismo descobrindo novos caminhos para a inter-relação professor-educador e aluno, em busca do respeito, diálogo, numa proposta de estabelecer um comportamento “horizontal”, mútuo e linear, onde todos os sujeitos num ambiente escolar sejam responsáveis pelo sucesso do processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, é possível afirmar que a expectativa do professor-educador está em ter alunos motivados, interessados e sedentos de aprendizagem e que o ensino não se limita apenas em um currículo pronto e acabado, mas faz se necessário uma busca incansável de novos saberes que se baseiam em novas perguntas e respostas.

A base da hierarquia das necessidades consiste na sobrevivência e segurança que, após terem sido satisfeitas, transferem a importância para ter oportunidade de participar de interações sociais. Quando tal necessidade é saciada, as pessoas experimentaram a necessidade de sentir auto-estima pessoal elevada, o reconhecimento e prestígio, bem como a de satisfazer as necessidades do “ego”, orientadas para realização, o sucesso e certo grau de autonomia ou independência.

O teórico Alderfer (apud BOUDITCH, 1992) encontrou evidências em três níveis de necessidades: as necessidades básicas de existência ou sobrevivência, as de relacionamento, que tratam da interação social e dos aspectos externos de auto-estima e as de crescimento, que enfocam o desejo de uma pessoa de realizar e desenvolver seu potencial, além das facetas internas da satisfação do ego.

Alderfer, ao contrário de Maslow, acreditava que as progressões entre os estágios de necessidade variavam e, às vezes, havia uma sobreposição entre eles, onde as pessoas podiam passar de um estágio a outro sem ter plenamente satisfeito o anterior.

A questão motivacional talvez explique porque alguns estudantes gostam e aproveitam a vida escolar, apresentando comportamentos adequados, adquirindo novas capacidades e desenvolvendo todo o seu potencial, enquanto que outros parecem pouco interessados, muitas vezes fazendo as atividades por obrigação, ou de forma relaxada e, em alguns casos, odiando boa parte da vida escola (Garrido 1990; Lenes, 1994). O professor-educador deve descobrir meios inovadores que estimule e incentive o aprendizado, fornecendo estímulos para que os educandos se sintam motivados a aprender.

O interesse pelo estudo sobre a motivação em um ambiente escolar se deu pelo fato de conceber a educação sistematizada como transformações sociais, econômicas de um povo.

1.3 A FAMÍLIA COMO FATOR MOTIVACIONAL

Quando pensa-se em preparar o aluno para o futuro todos lembram de um bom planejamento, boas disciplinas, mas se esquecem de um fator muito importante que é a presença da família na escola, ela é uma grande aliada, pois ajuda o educando a ter sucesso na vida escolar e colabora para diminuir a evasão e a violência.

Ao nascer o indivíduo já convive em um ambiente social, a família é o primeiro ambiente socializador, o qual o mesmo tem os conhecimentos iniciais, como regras de comportamento social e moral, que parte da convivência familiar. De acordo com Guiomar Mello, “Viver é compartilhar significados, é expressar os sentidos das coisas de tal forma que eles sejam compreendidos pelos outros.” E a instituição escolar por sua vez tem que fazer com que o seu ensino tenha algum sentido para os discentes.

Quando a escola consegue uma parceria com a família os índices de aprendizado aumentam porque ambas têm os mesmos objetivos: fazer a criança desenvolver em todos os aspectos e ter sucesso na aprendizagem. A participação dos pais na educação escolar dos filhos deve ser constante e consciente, uma vez que não pode fazer separação entre a vida familiar e escolar, é importante que todos compartilhem as mesmas experiências, evitando que um culpe o outro pelo fracasso escolar, trabalhando num só objetivo, melhorar o rendimento de forma significativa. Sendo que cabe aos pais e à escola a missão de transformar a criança insegura e inexperiente em um cidadão participativo, atuante, consciente de seus deveres e direitos, possibilidades e atribuições.

O professor não pode ser o único responsável pela formação de conceitos, porém é importante levar em conta os que são trazidos de casa para fortalecer princípios éticos. Nas reuniões de pais mestres, as quais os responsáveis só vão para receber os boletins, demonstrando pouco interesse, pois estão cansados de ouvir só reclamações, faz-se necessário a escola fazer uma auto-avaliação e mudar a forma de tratamento, buscando acabar com gelo através da participação ativa dos pais por meio de visitas nos lares, oficinas e dinâmicas nas quais eles percebam a importância do trabalho em equipe. As famílias sentiram-se valorizadas e saberão que não estão sozinhos na educação escolar de seus filhos, mesmo se forem analfabetos ou não possuírem tempo suficiente.

É papel do professor-educador mostrar aos pais a importância de suas participações no contexto escolar e no desenvolvimento psico-social; é uma atividade de conquistas que acontecerá gradativamente.

1.4 A AFETIVIDADE NO PROCESSO NO ENSINO- APRENDIZAGEM

A afetividade é um domínio funcional, cujo desenvolvimento é dependente da ação de dois fatores: orgânico e social. É um fator importante no despertar da motivação, principalmente na relação educador e aluno no processo de aprendizagem. A prática afetiva está relacionada a capacidade que o professor tem de se preocupar com seus alunos, conhecendo o ser humano, aceita-lo, respeita-lo, buscando entender seus sentimentos.

O professor-educador está integrado no educar, ilustrar a razão, melhorar o entendimento. A ele cabe o desenvolvimento do saber ser e fazer, isto é, o aprimoramento da razão, tendo como focos primordiais a mente e o coração. O processo de aprendizagem é pessoal, sendo resultado de construção e experiências passadas resultantes de um conjunto de conhecimentos que influenciam nas aprendizagens futuras e que se modifica através do comportamento. Este processo de aprendizagem se dará quando a educação conseguir fazer com que o aluno passe de um nível para outro, proporcionando motivação para interação em todo o conjunto educacional.

Vera Verneck (1996, p.15) afirma: “Vai ser preocupação do educador não apenas o desenvolvimento da razão, a transmissão do conteúdo, mas o aprimoramento das sensibilidades e do sentimento”. Sensibilizar também é captar os sentimentos do próximo, isto desenvolve pouco, infelizmente no meio educacional. Esta busca pela educação dos sentimentos, o homem e a sociedade eram frutos de uma visão empírica-tecnicista, dando lugar ao renascer de uma educação baseada no paradigma holístico, ou seja, a educação é responsável pela formação integral do sujeito, não mais por fragmentada.

1.5 O PLANEJAMENTO COMO MOTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM

A construção da proposta curricular deve ser única para cada escola, nela deve conter ações que dêem respostas às necessidades e os anseios da comunidade escolar. Segundo Libâneo (1994), O planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos da sua organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino, sendo que ele é parte essencial na ação do educador, pois ele favorece a reflexão sobre a prática educativa, programa as ações docentes, auxiliando e dando suporte para que o mesmo tenha condições de atingir os objetivos propostos para cada aula e este precisa partir do interesse dos alunos. O planejamento precisa ser flexível e dinâmico respeitando o nível de conhecimento da turma, para que o mesmo funcione o professor necessita fazer um estudo sistemático com diversas pesquisas, não se atentando apenas para o livro didático fazendo dele um manual, no qual o aluno fica desmotivado a estudar, porque em muitos casos o que está escrito ali não tem nada a ver com a sua realidade, sendo que quando aprendizagem é mecânica, sua inteligência não se liga à sua vontade. O que pode resultar em indisciplina ou dispersão.

E um fator a ser considerado na hora de planejar é o currículo que segundo Luckesi, tem que se distinguir e prevê o que é importante. Não adianta florir o estudo precisa partir da necessidade de cada turma. O currículo não é uma atividade isolada precisa estar integrado com todas as atividades proporcionando um aprendizado de qualidade e que faça a diferença, e não transforme os alunos em meros receptores, sendo que os mesmos devem ser o principal construtor do seu conhecimento. É bom que o educador na hora em que for planejar faça um currículo integrado que é uma proposta educativa centrada no aluno, são estudos voltados para o que envolve o contexto de vida do mesmo, é a integração de todo tipo de conhecimento que se torna relevante para aumentar a motivação do aprendiz.

A interdisciplinaridade é uma arma muito valiosa na construção do saber, pois ela trabalha com um todo, isto é, é a contextualização dos conteúdos exigidos com a realidade dos alunos e não faz separação de disciplinas, o educador passa os conteúdos interagindo-os e faz com que os alunos entendam que uma disciplina

está ligada a outra, adquirindo conhecimentos tornando-os capazes de intervir na realidade em todas as áreas da vida.

1.6 A AVALIAÇÃO COMO AGENTE DE MOTIVAÇÃO

A educação tradicional é voltada para a transmissão de informações que devem ser memorizadas considerando o aluno um receptor passivo e o professor o detentor do conhecimento. É um estudo mecânico adquirido em um determinado espaço de tempo. Vygotsky (1991 p. 101) rebate este pensamento quando afirma que o pensamento propriamente dito é gerado pela motivação, isto é, por nossos desejos e necessidades, nossos interesses e emoções.

O processo de aprendizagem é essencial para o ser humano que precisa estar sempre na busca de novos conhecimentos. Em todo processo evolutivo o indivíduo é avaliado, suas ações, seu modo de agir e sempre está na busca de alguma recompensa seja no âmbito social ou pessoal e a avaliação é um dos indicadores deste processo pois a mesma determina os resultados e objetivos alcançados no desempenho de cada pessoa.

Segundo Saldanha (1978), “A avaliação não é só um recurso de controle das mudanças de comportamento evidenciadas pelo aluno durante o processo de aprendizagem, mas também como um recurso de medidas de objetivos de ensino, de métodos, de conteúdos, de currículos, de programas e das próprias habilidades do professor”. O professor não pode avaliar os alunos só com provas fazendo dela uma arma contra os alunos indisciplinados pois a mesma só serve para apreciação quantitativa, que é uma soma de pontos que os mesmos precisam para passar. A avaliação tem que ser clara e objetiva os educandos precisam ter conhecimento dos critérios de julgamento adotados pelos professores para que assim evite as desconfianças e os conflitos em sala de aula, facilitando o processo de ensino-aprendizagem, porque não é só o aluno que deve ser avaliado, mas também a prática do professor-educador. O valor da avaliação encontra-se no fato do aluno poder tomar conhecimento de seus avanços e dificuldades. Cabe ao professor desafiá-lo a superar as dificuldades e continuar progredindo na construção dos conhecimentos. (Luckesi, 1999).

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada no intuito da caracterização da motivação e aprendizagem dos alunos de 4ª série, verificando a influência no desempenho e rendimento escolar.

Para realização deste trabalho foi realizada uma visita na Escola para conhecê-la e conversar com a direção para pedir autorização para a execução desta pesquisa, sendo que a mesma enviou uma carta de anuência nos autorizando está em campo.

Foi referendada como pesquisa básica pura, exploratória visando proporcionar uma maior familiaridade com o problema em estudo. Este esforço tem como meta a pesquisa bibliográfica descritiva com o objetivo de conhecer e interpretar a realidade em questão. O estudo se justifica porque compreender a motivação humana tem sido um desafio para muitos educadores e até mesmo psicólogo. Dessa forma estudar a motivação para a aprendizagem envolve a compreensão de um complexo sistema de fatores que se inter-relacionam, operando

em conjunto com o aluno. Devido a isto, uma avaliação desse fenômeno pressupõe a consideração de todos os aspectos envolvidos na análise da questão.

Para desenvolver partiu-se da hipótese da ausência de conhecimento na área motivacional. Desta forma foi levantado o conhecimento, através de referencial teórico, dos fatores que levam a motivação, possibilitando o conhecimento da origem da desmotivação.

Foi feito um estudo de caso na Escola Municipal Del Rey no município de Iguai-Ba, que segundo Lakatos (1999), consiste no estudo profundo de um ou vários objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento. Partindo-se da necessidade de entender o porquê da falta de motivação por parte dos educadores e educandos, E também porque poucas pesquisas brasileiras sobre o assunto foram encontradas, na opinião de Guimarães e Bzuneck (2002), existe uma falta de instrumentos psicológicos que possibilitem o avanço desta área de conhecimento, principalmente no Brasil.

Quanto ao levantamento de fontes primárias, os dados foram obtidos através de uma pesquisa de campo por meio de um questionário que foi aplicado a uma amostra de 51 alunos, do total de 27 pertence ao sexo feminino e 24 ao sexo masculino, com idade de 10 aos 14 anos, dos quais foram analisados o desempenho escolar e a percepção que eles têm sobre a motivação e sua importância no contexto escolar. O questionário foi respondido dentro da sala de aula com ajuda dos professores. Eles responderam as seguintes questões:

1. Sua idade se insere em que faixa etária? () 10 a 12 () 13 a 14
2. Sexo: () Masculino () Feminino
3. Você se sente bem no ambiente escolar em que está inserido?
() Sim () Não
4. Sou um aluno que interesse em responder as atividades realizadas pelo professor.
() Sim () Não
5. Tenho dificuldades em resolver atividades dadas em sala de aula.
() Sim () Não
6. Você gosta de atividades nas quais precisa pensar muito?
() Sim () Não
7. Quando de uma atividade realizada em sala não vejo o tempo passar.
() Sim () Não
8. Você consegue realizar todas as atividades escolares?
() Sim () Não
9. Pratico leitura com frequência.
() Sim () Não
10. Estudo porque tenho consciência que preciso ter um futuro melhor.
() Sim () Não

Para os professores foi realizada uma entrevista com intenção de verificar as metodologias aplicadas como técnicas motivacionais e sua relação com os alunos. E como isto tem influenciado ou não a aprendizagem em seu ambiente escolar. Porque os mesmos têm uma função, uma “missão” que é o seu diferencial: eles exercem grande influência sobre a formação da personalidade e do caráter de seus educandos. A entrevista foi executadas pelas pesquisadoras após o término da aula, continha as seguintes indagações:

1. Qual a importância da motivação em sala de aula?

2. Em sua opinião o que é ser um professor “motivador”?
3. Analise sua prática educativa e me diga como você acha que está contribuindo para um melhor aprendizado da sua turma?
4. Quais são as metodologias utilizadas para estimular os alunos nas atividades que exigem concentração?
5. Por que utilizando a mesma metodologia alguns alunos aprendem com mais facilidade que outros?
6. Descreva como é a sua relação com seus alunos e se tem ou não influenciado a aprendizagem?
7. Como você enfrenta a desmotivação no processo ensino-aprendizagem?
8. Na sua opinião por que há tantos professores desmotivados e o que poderia ser feito para mudar este quadro?
9. A relação professor-aluno pode dimensionar a questão da motivação?
10. Você acredita que é importante a realização de pesquisas sobre a motivação e que as mesmas vão contribuir para o desempenho do professor e aluno no âmbito escolar?

3. RESULTADOS

Por meio destes métodos e técnicas foram avaliados os seguintes indicadores: a opinião dos alunos e professores sobre a motivação como instrumento no processo de ensino-aprendizagem e a percepção de competência, que está relacionada à compreensão que um indivíduo tem da sua capacidade, habilidade ou aptidão para resolver um determinado problema ou situação.

A análise dos dados consistiu, numa primeira etapa, em articular a coleta realizada em sala de aula, através de observações, entrevista e questionário. Nesta fase foi possível observar, através do comportamento dos professores, que a motivação manifestava-se por meio de comportamentos posturais e comportamentos verbais e por meio destes os alunos demonstravam se estavam ou não motivados.

Foi observado uma certa dificuldade por parte dos alunos ao responder o questionário pois não apresentavam familiaridade com o tema, então depois de uma boa conversa e explicação do porquê do questionário responderam, ficando assim os resultados: 70% dos alunos estão desmotivados, reclamam da falta de metodologia e incentivo, 5% estudam porque os pais mandam e 25% porque querem aprender e ter um futuro melhor. Os professores reconhecem a importância da motivação em sala de aula e assumem que às vezes deixam a desejar, segundo eles por falta de interesse dos alunos, ausência dos pais e a falta de material didático.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aprendizagem é resultado do desenvolvimento de aptidões e de conhecimentos, bem como da transferência destes para novas situações. Pode-se afirmar que a aprendizagem acontece por um processo cognitivo imbuído de afetividade, relação e motivação.

Estes estudos forneceram subsídios para analisar a importância e a escassez da motivação no contexto escolar. Bruner defende esta proposta dizendo que o aluno deve ser desafiado a querer sempre saber mais e o professor deve criar condições, fornecer recursos para que o mesmo se interesse pela busca de descobrir o novo. Devem ser usadas técnicas de incentivo que promova a

motivação, um bom planejamento com um currículo bem estruturado, usando métodos avaliativos coerentes e justos que tornarão a aula mais efetiva para o professor e significativa para o aluno.

REFERÊNCIAS

BORUCHOVITCH, Evely. **A psicologia cognitiva e a metacognição**: novas perspectivas para o fracasso escolar brasileiro. Tecnologia Educacional. V.22.

BRUNER, I.S. **Uma nova teoria de aprendizagem**. Rio de Janeiro: ED.Bloch, 1976.

BOWDITCH, James L. **Elementos de comportamento organizacional**. São Paulo: Pioneira, 1992.

BZUNECK, J. A. (2002). **A motivação do aluno: aspectos introdutórios**. Em Boruchovitch, E. & Bzuneck, J. A. (orgs) **Motivação do aluno** (pp.9-36). Petrópolis: Vozes.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Coleção e Leitura.

LANE, Silvia T.M. CODO, Wanderley, (orgs). **Psicologia Social**: o homem em movimento. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1991.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

LUCKESI. C.C.Avaliação da aprendizagem escolar. 9. ed.São Paulo: Cortez, 1999.

MURRAY, E.J. (1986). **Motivação e emoção**. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan.

NASCIMENTO, Dinalva Melo do. **Metodologia do Trabalho Científico**. Teoria e Prática. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

PERRENOUD, P. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens**. Porto Alegre: Artmed, 1999

PFROMM, S. N. 91987). **Psicologia da Aprendizagem e do ensino**. São Paulo: EPU.

SALDANHA, Louremi ercolani (coord.) **Planejamento e Organização do Ensino**. 4ª ed., Porto Alegre, Globo, 19978.

SIGMUND, Freud. **O mal – estar da civilização**. São Paulo: Herper & Row do Brasil, 1977.

SISTO, Fermio Fernandes. Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. Cap.2, 2001. p.40-56.

WERNECK, Vera. **Educação e sensibilidade**: um estudo sobre as teorias dos valores. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1996.

VYGOTSKY, L. S. A Formação Social da Mente. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e Linguagem. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

WEISS, Donald H. **Motivação & Resultados**: como obter o melhor de sua equipe. São Paulo: Nobel. 1991